

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

CRÍTICA LITERÁRIA NO AMAZONAS: LEVANTAMENTO DE UMA FORTUNA  
CRÍTICA DE LUIZ BACELLAR

Bolsista: Monique Emanuelle Oliveira de Queiroz, CNPQ

MANAUS – AM

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB – H – 0087/2009

CRÍTICA LITERÁRIA NO AMAZONAS: LEVANTAMENTO DE UMA FORTUNA  
CRÍTICA DE LUIZ BACELLAR

Bolsista: Monique Emanuelle Oliveira de Queiroz, CNPQ

Orientador: prof. Dr. Gabriel Albuquerque

MANAUS - AM

2010

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
3. LUIZ BACELLAR – POETA, POESIA, IMAGEM E MÚSICA.....	15
1.3.1 Da crítica	
1.3.2 Rogel Samuel – a fruta e o haiku	
1.3.3 Astrid Cabral – imagem e emoção em Luiz Bacellar	
1.3.4 Ernesto Renan Freitas Pinto e Benedito Nunes – apresentações de Sol de Feira	
1.3.5 Márcio Souza – Vozes da depressão	
1.3.6 L. Ruas – Sobre o Quarteto	
1.3.7 Arthur Engrácio – O lírico em Luiz Bacellar; e Alencar e Silva – LuizBacellar: um artífice auxiliar da criação	
1.3.8 Antonio Paulo Graça – Pétalas de Luz e poesia	
1.3.9 Mirian de carvalho – Sopro e Barro	
1.3.10 Tenório Telles – poeta e expressão da cultura no Amazonas	
1.3.11 Marcos Frederico Krüger – A sensibilidade dos Punhais (terceira parte)	
4. RESULTADOS FINAIS .....	31
5. DIFICULDADES ENCONTRADAS DURANTE A PESQUISA.....	32
6. FONTES E REFERENCIAS .....	34
7. DOCUMENTOS E DADOS DA REDE INTERNET.....	35
8. CRONOGRAMA.....	37

## 9. INTRODUÇÃO

Com a finalidade de organizar o conjunto de textos que determinam a boa ou a má recepção da obra de Luiz Bacellar e reuni-los para apresentar uma possível fortuna

crítica para este autor, organizou-se durante um ano de pesquisa o material coletado para apresentá-lo e comprovar o sucesso obtido na busca das informações que resultaram na produção deste relatório. Nos últimos 12 meses de pesquisa foram lidos, selecionados e analisados cada um dos textos que compõem essa fortuna crítica.

Denominamos aqui de fortuna crítica o conjunto de ensaios feito pela crítica especializada ou textos de fontes acadêmicas que apresentam perspectivas de leitura para a obra de Luiz Bacellar. Durante esta pesquisa não encontrei ensaios que comentassem uma má recepção das obras de Bacellar. Não há dúvidas que existam aqueles que não se agradam da maneira de escrever desse poeta, mas não houve registro que afirmasse isso, e os registros aqui encontrados falam a uma só voz que o poeta Luiz Bacellar inovou o cenário da Literatura Brasileira. Os estudos realizados por esses críticos variam da comparação do poeta com outros tão ilustres quanto ele, à autenticidade com a qual Luiz Bacellar produziu suas poesias. Para uns, marcas de Rimbaud fazem a ironia e o pessimismo de Bacellar ainda mais incrível, para outros a questão da nostalgia irônica de sua criação faz dele o melhor poeta amazonense.

Na busca de informações que comprovem a existência de uma crítica a Bacellar encontramos informações importantes sem as quais não poderíamos entender o que faz deste poeta uma unanimidade crítica. Aqui realizamos um levantamento sobre quais os primeiros passos deste autor na literatura, qual a ligação de sua poesia com o Clube da Madrugada, o que há de inovador nessa poesia, a recepção da obra desde a época de sua primeira publicação até os dias de hoje, quem foram/são os seus críticos e as diferentes perspectivas adotadas por eles em relação à obra do poeta. Acresce a isso as dificuldades encontradas ao longo da pesquisa.

De acordo com o que foi pesquisado, o autor publicou nove obras. Algumas delas são apenas reedições de obras anteriores, mas que a cada edição recebeu um nome diferente. A primeira obra data de 1963, é *Fruta de Barro*, que antes de ser publicada, recebeu, no ano de 1959, o prêmio Olavo Bilac de Literatura, depois surgiram *Sol de feira* (1973), apresentando rondéis sobre frutos amazônicos; *Quatro movimentos* (1975), em forma de uma sonata para instrumentos de sopro e que mais tarde foi republicado com o nome de *Quatuor* (2005); *O crisântemo de cem pétalas*

(1985), conjunto de haikais publicado em parceria com o artista plástico Roberto Evangelista e reeditado com o nome de *Satori*, em 2000.

Em 2002, a livraria Valer reuniu essas obras citadas em uma única chamada *Quarteto*. Ainda temos nesta antologia as obras *Borboletas de Fogo* publicada em 2004 também escrita em forma de *haikai* e *Calhau*, reunião de poesias feitas por Bacellar na época em que trabalhou para um jornal da cidade de Manaus e que, segundo o autor, será publicada entre os anos de 2010 e 2011. Embora haja pretensões de publicar a obra *Calhau*, o poeta não escreveu mais desde sua última obra com haicais em 1985, suas produções encerraram-se, mas seus temas estão presentes na literatura e tendem a continuar sempre atuais.

Sabe-se que Luiz Bacellar fez parte do Clube da Madrugada, fundado em 1954 como uma espécie de agremiação nomeada pelo próprio, cuja finalidade era a reunião de poetas que libertassem a poesia amazonense do parnasianismo tardio. Segundo o próprio poeta: "... o Amazonas estava cheio de homens que juravam fazer poesia de verdade, baseando-se na 'velharia' parnasiana". O clube tornou-se um marco para o Amazonas. O poeta também trabalhou no jornal *A crítica* durante vinte anos, onde produzia poesia par o caderno *Calhau*. No ano de 1959, recebeu por *Fruita de Barro* o prêmio Olavo Bilac na cidade do Rio de Janeiro, mas essa obra só viria a ser publicada em 1963. Em entrevista a mim concedida, Bacellar declara que a premiação só foi possível porque, em 1959, uma amiga partira de Manaus para realizar estudos no Rio de Janeiro e levou consigo o original por ela inscrito no concurso Olavo Bilac. O resultado se deu pela aprovação de Manuel Bandeira<sup>1</sup>, Carlos Drummond de Andrade<sup>2</sup> e José Paulo da Fonseca<sup>3</sup>, componentes do júri. No parecer destes jurados consta que "... Estamos distantes da simplicidade dos sonetos iniciais, o poeta sabe executar em

---

<sup>1</sup> Manuel Bandeira (1886 - 1968) – escrito pernambucano que fez parte do movimento modernista brasileiro. Escreveu *Itinerário de Pasárgada* e *A Cinza das Horas*.

<sup>2</sup> Carlos Drummond Andrade (1902 - 1987) –poeta do modernismo brasileiro, nascido em Itabira – MG. Entre sua extensa biografia está *Alguma poesia* (1930), *Brejo das almas* (1934) e *A rosa do povo*.

<sup>3</sup> José Paulo Moreira da Fonseca (1922 - 2004) foi um escritor, poeta, ensaísta, teatrólogo, pintor e crítico de arte brasileiro.

ambos os tons, o *maior* e o *menor*, variedade essa que sem dúvida afasta a possibilidade de monotonia do livro.” (Frauta de Barro, 2005)

Quanto aos ensaios que formam esta fortuna crítica, encontram-se presentes os de Rogel Samuel, Astrid Cabral, Tenório Telles, Ernesto Renan Freitas Pinto, Márcio Souza, L. Ruas, Antonio Paulo Graça, Miriam de Carvalho, Arthur Engrácio, Benedito Nunes, Alencar e Silva e Marcos Frederico. Esses autores, leitores e críticos da obra bacellariana, discorrem a seu modo sobre o assunto e em determinados discursos pode-se perceber que há um encontro entre um ou outro dizer. Suas perspectivas vão delineando maneiras de fazer a leitura dos poemas de Luiz Bacellar, dando-nos métodos de leitura e de interpretação dos poemas.

Dessa forma ao reunir estas informações e analisar as partes que compõe essa fortuna crítica, desenvolve-se um estudo sobre a poesia de Luiz Bacellar, buscando-se compreender os limites dessa poesia. Por meio dessa pesquisa também é possível deitar o olhar sobre a história da literatura no Amazonas e como ela aparece no cenário da literatura brasileira.

## **10. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

No início deste trabalho, optou-se pela pesquisa documental, apoiada nas explicações dos professores Antonio Severino <sup>4</sup> e Eva Maria Lakatos<sup>5</sup>. Agora, em sua fase de conclusão, podemos identificar qual tipo de fonte temos em mãos.

Para a professora Eva Maria Lakatos, faz-se necessário essa informação, pois saber qual tipo de fonte está sendo trabalhada em uma pesquisa determina uma “gradação” na leitura do pesquisador. Diz ela: “Esta técnica torna mais fácil a retomada do assunto, pois os textos são organizados para compor um número de informações consideráveis que apóiam qualquer tipo de pesquisa...” (**LAKATOS**, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1995.)

Para o professor Severino quando usamos a pesquisa documental estamos nos referindo “a tomada de apontamentos durante a leitura de consulta e pesquisa. Esses apontamentos servem de matéria prima para o trabalho e funcionam como primeiro estágio de rascunho (...)” (**SEVERINO**, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002).

A partir do material coletado visualizam-se leituras interpretativas sobre a poesia de Luiz Bacellar, podendo-se oferecer a outros pesquisadores ou ao público leitor diferentes possibilidades de entendimento e enfoques para a construção de novas leituras. Para tanto, selecionaram-se os textos críticos que realmente contribuíram para os resultados aqui apresentados.

Serão apresentados aqui os ensaios críticos de acordo com a produção de Luiz Bacellar, portanto inicia-se por *Fruta de Barro* (1963). Começamos por Astrid Cabral, que afirma que “a maior parte do livro abarca Manaus de seus primeiros anos”. Infelizmente a fonte na qual coletei este ensaio de Astrid Cabral não informou onde ele foi publicado, nem sua data de publicação. Neste ensaio a autora apresenta uma leitura de *Fruta de Barro*, a partir da interpretação das imagens que se formam com o caráter ‘lírico-didático’ da obra. Sobre Fruta de Barro ela afirma que “(...) Trata-se de

---

elaboração literária em que o autor expõe seu conhecimento e intimidade com a tradição poética de língua portuguesa.” Também ressalta a criatividade do autor ao afirmar que “... O que surpreende nesse livro é a originalidade com que Bacellar se move no labirinto de convenções consagradas”. Para a autora, Luiz Bacellar transforma o faz de conta dando-nos “capacidade de desenhar por meio de palavras seres e objetos”.

Outro texto que podemos tomar aqui é o Parecer da Comissão Julgadora formada por Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e José Paulo Moreira da Fonseca. Ao dar o prêmio Olavo Bilac para a obra *Frauta de Barro*, eles afirmaram que Bacellar é “um poeta culto... que sabe mesclar ciência *literária* a uma efetiva capacidade de emocionar”. Também valorizaram a técnica de escrita do poeta e deram à obra o valor literário por manter “um equilíbrio entre valores arquitetônicos e valores dramáticos”. Para a comissão, com esta obra, Luiz Bacellar reinventa a poesia no Amazonas e mostra sabedoria em versejar o comum, dando-lhe ares de importante.

Já para Arthur Engrácio, a poesia de Bacellar em *Frauta de Barro* é “acentuada, forte e dominadora (...) essencialmente lírica, nos prende pela sua carga emotiva de alto teor, singularmente tocante, de par com outros componentes estéticos de que é constituída...” Componentes estes que formam uma construção interna perfeita dos poemas escritos por Luiz Bacellar.

Em “*Expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*”, de 1977, Márcio Souza afirma que Luiz Bacellar, junto ao Clube da Madrugada despertou os olhares de sua geração para a decadência cultural na qual o estado se afogava. E, na busca de combater esse ‘naufrágio’, é que *Frauta de Barro* aparece como uma resposta da poesia amazonense, demonstrando esta inquietude em reverter a caracterização dos poetas como “parasitas do ciclo da borracha sem uma representação histórica” que segundo o autor de *Vozes da depressão* estava acontecendo por aqui naquela época. Para Márcio Souza:

“*Frauta de Barro* poderia ter sido um escândalo se o arremedo de cultura que é a burocracia poética não tivesse uma couraça de indiferença. A província, cujos anos de decadência haviam-

lhe roubado a força, estava sendo subtraída em suas mais caras declarações masoquistas. Luiz Bacellar é a ironia dessas dores de consumo interno.” (SOUZA, Márcio. A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.)

Neste capítulo Marcio Souza compara as poesias de Elson Faria e Luiz Bacellar, e em determinado momento diz que a poesia de Elson Faria <sup>6</sup> “é também uma poesia insatisfeita, sóbria na sua insatisfação, no mesmo ponto de ebulição que Bacellar colocou sua ironia” (p. 179). Em questão de ironia misturada à poesia, concorda com Márcio Souza a doutora em filosofia Mirian de Carvalho, quando em um ensaio encontrado na sexta edição de *Fruita de Barro*, lê-se:

“Entre seus pares de fôlegos e arte, Bacellar com senso crítico, humor e lirismo registra seu cantar no acervo universal do desvelamento do mundo no instante da imagem ritmada: no instante poético, instauram-se o ser e o devir das coisas trausentes ante o eu e o mundo” (Mirian de Carvalho, 6 ed. *Fruita de Barro*, 2005)

Para ela, a poesia bacellariana é reunião de “imagens e cadência”, seu ensaio concorda também com Astrid Cabral ao afirmar que “em *fruta de Barro* a imagética atualiza o mundo diante de nós.” Novamente nos deparamos com a ideia de imagem e poesia, pois “... imagem e ritmo realizam a poesia contida e incontida em *Fruita de Barro*, jorrando temas e motivos de argila e sopro...o autor ousou reinventar a isometria na musicalidade da redondilha.” (Mirian de Carvalho, 6 ed. *Fruita de Barro*, 2005)

Rogel Samuel faz a apresentação desta sexta edição de *Fruita de Barro* e nesta apresentação também afirma existir uma imagem ligada ao poema. Ele diz que há uma

---

<sup>6</sup> Elson Farias nasceu em Roseiral, propriedade de seu pai no município de Itacoatiara, Amazonas, no dia 11 de junho de 1936. Ao chegar a Manaus, integrou-se ao movimento de renovação das letras conhecido como *Clube da Madrugada*. Ingressou mais tarde na *Academia Amazonense de Letras*.

produção de fotopoemas nesta obra e que estas fotopoemas apresentam de formas sedimentadas uma cidade de Manaus que talvez não exista de fato.

Na obra *A sensibilidade dos Punhais* (2007) de Marcos Frederico Krüger pode-se encontrar um estudo que reúne as obras de Violeta Branca<sup>7</sup>, Sebastião Norões<sup>8</sup> e Luiz Bacellar para apresentar as coincidências existentes entre o primeiro livro de cada um desses poetas. Na apresentação inicial do livro o autor declara que sua produção “trata de imagens do mar na poesia do Amazonas”, que os livros destes autores estão dispostos em “sequência cronológica” e que “as obras apresentam-se como se uma fosse continuação da anterior”. O professor Marcos dedica a terceira parte de seu livro à *Fruita de Barro*. Cada capítulo de sua tese apresenta uma parte desta obra. São seis capítulos, na seguinte sequência: introdução, a estrutura da obra, a viagem, a musicalidade e o diário de navegação. O Dr. Marcos Krüger começa no terceiro capítulo a dividir o livro em momentos. No capítulo três fala-se da Infância, uma explicação para o primeiro soneto “Variações sobre um prólogo”, em que o poeta inicia sua fala com o seguinte verso: Em menino achei um dia/bem no fundo de um surrão/ um frio tubo de argila/ e fui feliz desde então; Marcos Krüger analisa minuciosamente os três primeiros sonetos, sem esquecer-se do refrão ao pé de cada um dos poemas. Sua produção propõe um ciclo de crescimento e amadurecimento na construção dos poemas de *Fruita de Barro*. O capítulo 4 mostra-nos, que essa viagem que ocorre na obra bacellariana, tem uma preparação, pois o “Poeta veste-se” antes, para construir um roteiro de viagem. Nesse quarto capítulo, o professor cria subtítulos para organizar melhor essa questão de existir de fato uma viagem se concretizando na poesia de Bacellar.

---

<sup>7</sup> A poeta Violeta Branca, nasceu em Manaus, no dia 15 de setembro de 1915. Em 1935, aos 19 anos, publicou seu primeiro livro de poesia, *Ritmos de Inquieta Alegria*, obra com características modernistas, que mereceu uma apreciação entusiasmada do intelectual paulista Rodrigo Octávio e boa acolhida por parte da crítica, pelo lirismo e vivacidade no tratamento dos temas.

<sup>8</sup> Sebastião Norões nasceu em Humaitá-Am, em 1915. A partir dos 18 anos passou a viver em Manaus, após ter feito seus estudos iniciais no Ceará. Foi professor de Geografia de várias gerações, tendo falecido em 1972.

Outra contribuição sobre a poesia de Fruta de Barro foi dada também por Tenório Telles. O poeta publicará em breve um estudo sobre a literatura no Amazonas em que reunirá estudos sobre os poetas locais. E em meio a estes se encontra o poeta que nos interessa. Assim como Marcio Souza afirmou, Tenório Telles corrobora com seu pensamento dizendo que “Fruta de Barro soa como um eco cortante a ferir a pele cinzenta do provinciano de nossa Literatura”. Para esse crítico, estamos diante de um poeta que trabalha sua autenticidade, firmando-se na atmosfera literária do Amazonas como o único capaz de unir realidade com imaginário. Embora a poesia bacellariana leve-nos a uma Manaus perdida no tempo, isso não significa que o poeta seja um saudosista, sua verdadeira intenção em apresentar memórias do passado é, segundo Telles, uma crítica ao hoje, ao presente: “Assim, a memória que cimenta seus poemas, é ao mesmo tempo, um culto ao passado e uma denúncia contra a insanidade de um presente que se autoflagela, que se autodestrói impunemente”.

Depois de *Fruta de Barro* (1963), surge *Sol de Feira* (1973). Trabalha-se aqui com as edições de 2005 e 2008 desta obra, sexta e sétima edição respectivamente. Na sexta edição o professor Dr. Ernesto Renan Freitas Pinto chama o livro de obra insólita da literatura poética brasileira e ainda afirma que Luiz Bacellar “vem cultivando este livro como um pomar real”, para ele o sabor dos frutos vão se delineando na escrita de Bacellar que escolhe o rondel para tornar a forma poética mais precisa e ágil. Na sétima edição, quem nos fala é Benedito Nunes afirmando que diante de nós surge um verdadeiro jogo frutal, nesta análise o professor Benedito Nunes diz que através do jogo frutal de *Sol de Feira* “cada fruta é uma fruta, e mais alguma coisa” nesta análise também temos que “Em *Sol de Feira*, os jogos frutais mobilizam os pomos individualmente e entre si: sensuais e erotizados, já é o corpo feminino”, eis aí o porquê de ser fruta e algo mais.

Entremos agora na obra *Quatro movimentos* (1975), *mais tarde Quatuor* (2005), ela foi escrita em forma de sonatas com quatro movimentos, para cada movimento existe um instrumento de sopro que devem iniciar juntos ao movimento, no mesmo tempo e cadência para alcançar a harmonia certa. Nela pode-se encontrar, entre as sonatas e a partitura, um espaço chamado Fortuna Crítica, e o primeiro ensaio ali posto

é do Pe. L. Ruas, para quem estão presentes na poesia de Bacellar três escolas literárias, o romantismo e o classicismo de um lado em uma “eterna luta entre o intelectualismo e a primazia da razão” e do outro o simbolismo que “consiste acima de tudo num esforço de transcendência ou ainda um apelo à transcendência.” Ele admira essa forma de criar poesia em Luiz Bacellar, pois em nenhum outro poeta encontrou musicalidade advinda do mistério e finaliza suas observações afirmando que o paradoxo entre simples e complexo nessas sonatas pode proporcionar resultados incríveis a partir da riqueza musical de que se revestem.

No ensaio “Luiz Bacellar: um artífice auxiliar da criação”, de Alencar e Silva, a poesia de Quatuor faz de seu autor um “paisagista, pintor do mar e da natureza”, para este crítico, Bacellar torna-se artista da música e da poesia por saber organizar de forma cuidadosa os ritmos dentro da poesia. Alencar e Silva diz que ao organizar sua poesia em quatro Cartas diferentes, o autor se cria e se firma como poeta da Geração de 45, embora não se trate verdadeiramente da escolha de uma escola como afirma Alencar e Silva mais tarde

“É aí que finalmente, poderíamos colher os elementos necessários a sua filiação, por assim dizer, as melhores tendências da chamada Geração de 45. Isto se quiséssemos forçar uma conceituação naturalmente dispensável, visto não se tratar de uma escola, mas de uma reunião de tendências, nem sempre concordantes em si, embora tocadas pelo caminho de um refúgio comum: o verso novamente.” (Quatuor, 2006)

Para este crítico Bacellar mistura à musicalidade e à poesia um mistério que se condensa ao seu lirismo nos sonetos Quatuor.

Ainda nos resta *O crisântemo de cem pétalas* (1985), republicado em 2002 sob o título de *Satori*. Essa última obra reúne haicais, ou no original haiku, que segundo o site de pesquisa Wikipédia “é uma forma poética de origem japonesa, que valoriza a concisão e a objetividade. Os poemas têm três linhas, contendo na primeira e na última cinco ou mais caracteres japoneses (totalizando sempre cinco sílabas), e sete ou mais caracteres na segunda linha (sete sílabas)”. Na apresentação de *Satori*, Rogel Samuel

esclarece que a proposta de um Satori é encontrar a libertação do questionar aquilo que não pode ser questionado por ser de natureza imutável. O crítico se detém na questão do que é o Satori e por que esse conceito budista toma espaço na escrita de Luiz Bacellar:

“O satori é, pois, aquilo de que não podemos falar, “aquilo de que se deve calar”, aquilo, aquele conceito para o qual só nos podemos aproximar cautelosamente. O satori é negativo, ou seja, sei o que ele não é. O satori é a verdade da poesia. A poesia não fala de algo, ela é. Só a poesia faz falar o que é, a saber, a linguagem desperta.” (Satori, 2002)

Com essa afirmação Rogel Samuel ‘capacita’ o poeta como aquele que sabe lidar com a linguagem, sendo assim, Luiz Bacellar, por ser poeta, tem a capacidade de se libertar através da poesia, através do domínio da palavra, mas para encontrar-se com a liberdade, o poeta deve afastar-se do eu e assim fazendo encontra o verdadeiro satori.

No entendimento de satori existe um encontro com o desvendar os mistérios que regem a existência do ser humano. Tenório Telles nos diz que: “Luiz Bacellar faz parte dessa linhagem de poetas comprometidos com a revelação dos mistérios do mundo, com a essencialidade das coisas e dos seres. Tendo na musicalidade uma de suas marcas definidoras, sua poesia é preñe de imagens, de ressonâncias filosóficas e espirituais”. E novamente somos postos na questão do encontro entre musicalidade e poesia, mesclada nestes haicais com o mistério da existência humana e daquilo que não pode ser desvendado ou modificado pelo homem.

## **11. LUIZ BACELLAR – POETA, POESIA, IMAGEM E MÚSICA**

No ano de 1954, no dia 22 de novembro, o Amazonas foi sede do nascimento de uma nova fase cultural literária, isto porque neste ano surgiu o clube da Madrugada, ou Movimento Madrugada. Que reuniu em plena Praça do Ginásio Farias de Carvalho, Saul Benchimol, José Pereira Trindade, João Teodoro Botinelly, Celso Melo, Francisco Batista, João Bosco Araújo, Fernando Collyer, Humberto Paiva, Camilo Souza e Luiz Bacellar, este último que muito interessa a esta pesquisa, escolheu o nome para a agremiação, pois as reuniões do clube começavam a noite e terminavam pela madrugada, segundo ele mesmo comentou.

Na época em que o movimento madrugada surgiu, o Amazonas passava por um questionamento a respeito do desenvolvimento cultural do estado, esses jovens reuniram-se para discutir idéias que pudessem proporcionar ao povo esclarecimentos a respeito do que é cultura, seja ela em forma de arte, letras ou ciências. É nesse contexto que o Amazonas vem a conhecer a poesia de Luiz Bacellar.

Este autor, nascido no dia 4 de setembro de 1928, primeiro filho do Sr. Francisco Bacellar e dona Maria de Lourdes, cresceu no Bairro dos Tocos, atual Aparecida. Coursou a maior parte de seus estudos em escolas públicas do estado e seguiu o ramo jornalístico. Em 1950 torna-se funcionário do jornal A crítica, mas é em 1954 que surge realmente o poeta que hoje conhecemos. Depois da Madrugada de 54, Luiz Bacellar demonstra peculiar gosto pela produção de poesia, e é neste momento que surgem Fruta de Barro, Sol de Feira (1973) que recebe o prêmio de Poesia do Estado do Amazonas e em 1998, através da livraria Valer publica Quarteto, que é a reunião de suas obras: Fruta de Barro, Sol de Feira, Quatuor e Satori.

A criação destas obras possibilitou o encontro de três tipos de arte diferente, pois a poesia traz em si quantidade excessiva de imagem e musicalidade. Quem lê Luiz Bacellar pode sentir esse encontro, tal qual um pintor, sua produção usa o recurso imaginativo para provocar reações em seu leitor que o levem a conhecer o quadro que está sendo pintado. Em determinado momento, seus críticos afirmam que há em Luiz

Bacellar uma criatura criadora do espaço e do tempo<sup>9</sup>. Seus poemas vagam pelas ruas de Manaus nos poemas de versos livres ou nos sonetos de *Frauta de Barro*, pelas feiras da cidade nos rondéis de *Sol de Feira*, pelo teatro Amazonas nas sonatas de *Quatuor* e pela natureza nos haicais de *Satori*. Cada livro escrito de uma forma diferente para provocar no leitor a curiosidade de conhecer outras artes e outros modelos de escrever poesia.

### 1.3 Da crítica

Um grande problema da leitura de obras amazonenses é a falta de leitura sobre elas. O material coletado para esta pesquisa, forma não mais que 16 textos sobre o autor e 4 textos sobre o clube da Madrugada.

Sobre o autor, dispomos de: 2 ensaios de Rogel Samuel, o primeiro apresentando *Frauta de Barro* o segundo preparando a leitura de *Satori*, 1 ensaio feito por Astrid Cabral, 1 ensaio de apresentação da sexta edição de *Sol de Feira* feito por Ernesto Renan Freitas Pinto, 1 ensaio de apresentação de *Sol de Feira* por Benedito Nunes, 2 ensaios a respeito da arte de criar de Luiz Bacellar feita por Antonio Paulo Graça, 1 capítulo de livro escritos por Tenório Telles, um outro capítulo de livro intitulado “Vozes da depressão” encontrado no livro “A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo” de Márcio Souza, 1 ensaio sobre o Quarteto de L. Ruas, 1 outro de Arthur Engrácio, também outro de Alencar e Silva, mais um ensaio propondo uma leitura para *Frauta de Barro* escrito por Mirian de Carvalho, a tese do professor Marcos Frederico Kruger e outros 3 texto autobiográfico do poeta.

Sobre a vivência de Bacellar com o Clube da Madrugada, escreveram Tenório Telles e Jorge Tufic. A respeito deste material não se tem em mãos as datas de publicação, pois as fontes onde foram coletados não dispuseram tais informações.

---

<sup>9</sup> Astrid Cabral, Antonio Paulo Graça e Rogel Samuel acreditam que Luiz Bacellar cria espaços em sua literatura promovendo a imagem de uma Manaus entre o passado e o presente.

### 1.1.3 Rogel Samuel – a fruta e o haiku

Rogel Samuel é um ensaísta, poeta, crítico literário e romancista brasileiro que afirma na apresentação da obra *Fruta de Barro* que o livro fora escrito em três etapas a do minimalismo pós-modernos visivelmente registrado nos “10 Sonetos de Bolso”, a do espaço devaneio que aparece no *Romanceiro Suburbano*, nos *Soneto Provincianos* e nos *Três Noturnos Municipais* e a do espaço endócrino de criação e nascimento a partir da imaginação descrito nos demais poemas.

A partir desta separação para a metodologia de escrita dos poemas, Rogel Samuel começa a demonstrar o que a poesia bacellariana oferece ao seu público leitor. Percebe-se que na proposta de Rogel Samuel o leitor parece seguir uma sequência cuidadosamente organizada para que a leitura tenha maior aproveitamento. Em se falando de minimalismo pós-moderno, para Rogel Samuel, o poeta utiliza-se desta técnica de economia de palavras com pretensões de fazer interagir o leitor e o poeta, ou seja, pela poesia dos “10 sonetos de bolso” o leitor consegue identificar-se com os objetos poetizados e animados. O Dr. Rogel Samuel diz que no poema *Romanceiro Suburbano*, mais do que somente a lírica é possível observar que a Manaus pintada nesta parte não parece ao menos existir senão nas páginas da *Fruta*, pois há em sua produção uma imagística que se confunde com a realidade. Suas escolhas por poetizar o espaço e as coisas tornam-se sonhos que revelam uma vida cotidiana representada pela primeira vez em forma de poesia. O autor afirma que a medida que o livro avança, assume uma maturidade que revela Manaus aos quatro cantos do mundo, neste ponto Rogel Samuel relaciona a criação de Bacellar a de Samuel Aun Weor considerando a forma na qual chegamos a ser divinos, usando o número 7 como responsável pela perfeição a qual nos deparamos quando a obra de Bacellar encontra-se com o Grande Arcano.

Na explicação de Rogel Samuel o “Satori é a experiência do Nirvana, a percepção de um instante...” o nirvana é o encontro com a paz, o deixar de ser. O ensaísta cria este ensaio para que o leitor consiga entender os haicais, é uma metodologia para antes da leitura da obra. E embora o conceito do que é satori seja amplamente complexo por se tratar de uma experiência do eu de encontro com o nada,

ou do não-ser, satori é a liberdade e o não poder falar. Rogel Samuel diz que experimentar o satori nos versos de Luiz Bacellar é sentir essa liberdade, uma liberdade da ordem da linguagem, um poder de expressar por palavras aquilo que ainda não foi dito. Em Satori, estamos em um face a face com a cultura oriental de versejar, em outras palavras, a obra de Bacellar nos leva de encontro ao desconhecido, reúne nossa cultura à cultura de outros lugares.

Nesses dois ensaios temos uma maneira de ler as obras de Bacellar. A primeira obra, *Fruta de Barro* é parte de um espaço geográfico situado entre o presente e o passado, com a figura de um tempo que modifica, que talvez não destrua, mas que por passar sempre leva consigo belezas, seguranças e certezas. Já o Satori é uma libertação do espaço geográfico para transpor o eu de forma a libertá-lo de sua condição de essência humana para alcançar a perfeição, o nirvana. Existe um paradoxo entre estes livros, pois se um situa o eu lírico em determinado ponto num espaço real, o outro o situa no imaginário e ultrapassa o real para estar acima dele, em busca da perfeição, coisa impossível para o *Fruta de Barro*.

### **1.2.3 Astrid Cabral – imagem e emoção em Luiz Bacellar**

Astrid Cabral nasceu em Manaus no dia 25 de setembro de 1936. É poetisa, contista, professora e funcionária pública. Viúva do poeta Afonso Felix de Sousa. Diplomou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em língua inglesa e literatura norte-americana pelo Teacher's Training Course do IBEU. Em um ensaio postado no endereço [www.antonimiranda.com.br](http://www.antonimiranda.com.br) de data e horário desconhecidos, a poeta afirmou que a Manaus onde Luiz Bacellar nascera e crescera encontrava-se em decadência e sem perspectiva para os jovens e que se havia quem se interessasse por uma questão cultural isso só veio a ser descoberto em 1954 com o surgimento do clube da Madrugada que, segundo ela, “trouxe para o lugar a integração nacional e consolidação das propostas da modernidade.”

Chama-se atenção para um momento interessante da literatura no Amazonas: o Clube da Madrugada. Nesta pesquisa pode-se observar que Bacellar está sempre relacionado ao Clube, isto porque fez parte dele e deu nome à agremiação. Esta

ligação nos proporciona a visão de dois Luiz Bacellar: um que é o poeta individualmente e o outro que é ele nesta coletividade que foi o Clube. Digo isso porque qualquer um que ler a obra de Luiz Bacellar vai encontrar nela a postura do autor sobre o que se espera ou entende por renovação. O Clube da madrugada *“alfinetava o formalismo passado das academias, sugeria descontração, prazer da convivência informal, companheirismo sem hierarquia... sugeria também o raiar de algo novo, o alvorecer de uma postura mais crítica, menos alienada diante da realidade”* lembrando também que Astrid Cabral fez parte também por volta dos anos 50 do Clube da Madrugada.

Voltando ao ensaio *O poeta da vez*, para Astrid Cabral, o poeta Luiz Bacellar tem uma dicção diferenciada que nos reporta à imagética e a emoção. Neste ensaio sua preocupação é, além de reconhecer os vínculos do Clube com a Geração de 45, apontar a obra Bacellariana como precursora desta inovação no cenário da cultura amazonense. Ela aponta que *Fruta de Barro* é um testemunho sobre a Manaus do Séc. XX e está bem retratada nos poemas do *Romanceiro Suburbano*. Para ela, mais do que qualquer outro poeta ou obra, os poemas de Luiz Bacellar conversam com os poetas da primeira geração do Romantismo e os últimos do Modernismo. Nesse ponto afirma que o poeta domina tanto a linguagem coloquial, quanto a mais culta como se o poeta tivesse nas mãos um brinquedo, “a palavra”, e ele as organiza como bem lhe aprouver.

E enquanto os sons da fruta são assim tocados, a musicalidade do Quatuor é elaborada por um autor que expõe sua capacidade criadora de poetizar com a língua portuguesa. No Quatuor, a experiência estética e vital apresenta-nos o clássico e o simbólico. Novamente a poesia do Quatuor dispõe da imagem como aliada e Astrid Cabral comenta que Luiz Bacellar tem capacidade de desenhar seres e objetos só pelo uso das palavras, visto que o mesmo quadro se repete em *Sol de Feira* quando, segundo ela, Bacellar assume um caráter lírico-didático.

Dessa vez o poeta trabalha o rondel dando-lhe duas quadras, comuns a esta forma, mas em sextilhas, não em quintilhas. Aqui, ele abandona o músico e poeta, para tornar-se o botânico e poeta, pois é com legitimidade que explora os frutos

amazônicos, dotando-os de metáforas ao comparar os frutos aos homens, não abandonando o real objetivo dos rondéis, que é apreciar por meio das palavras o gosto da fruta que está sendo poetizada. Astrid Cabral ainda afirma que Luiz Bacellar tem uma “natural inclinação” para a síntese quando em contato com a arte japonesa de poesia: o haiku. Os haicais em Bacellar serviram para descrever o cenário natural do Amazonas em sua diversidade ecológica, e encontram-se nestes o humano e o cósmico, mantendo-se um equilíbrio entre a cultura e a natureza, que de maneira admirável demonstra Luiz Bacelar inserido nesse encontro entre dois mundos tão distintos.

A poetisa Astrid Cabral finaliza seu ensaio com um convite à leitura das obras de Bacellar, alertando que esta poesia se compõe de musicalidade, poética e imagética, e esse convite não é só para quem já leu a obra, mas para aqueles que ainda ousarão navegar nesta musicalidade das palavras bacellarianas.

### **1.3.3 Ernesto Renan Freitas Pinto e Benedito Nunes – apresentações de Sol de Feira**

Ernesto Renan Freitas Pinto possui graduação em Letras - Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (1969), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1982) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Amazonas.

Benedito José Viana da Costa Nunes, nascido em Belém, Pará, no dia 21 de novembro de 1929, foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará, posteriormente absorvida pela Universidade Federal do Pará. Fez mestrado na Sorbonne, em Paris e embora ainda trabalhe como professor, já está aposentado.

Ao primeiro, coube a apresentação da sexta edição de Sol de Feira. Nela o professor Renan Freitas admite que se esteja à frente de “um trabalho poético didático” como Astrid Cabral sugeriu anteriormente. Para ele Luiz Bacellar tomou-se do nostálgico saborear dos frutos e que a escolha do rondel como forma de escrita

capacita o “verso ágil e preciso do autor.” Ainda antes de finalizar a apresentação da obra Renan Freitas afirma que como Mozart na arte da música, Bacellar cria uma “harmoniosa e terna sinfonia de frutos amazônicos”

Ao segundo, coube o mesmo, mas na sétima edição de *Sol de Feira*. Sua apresentação nos sugere que estamos diante de um mostruário de 50 espécies diferentes de frutos amazônicos e que sem nenhum receio pode também chamar-se de jogos frutais fazendo relação da obra com o poema de João Cabral de Melo Neto, em quem Luiz Bacellar afirma espelhar-se.

A leitura de Benedito Nunes nos propõe a semelhança entre as frutas do pomar de Bacellar com o corpo feminino. Nesta apresentação cada fruto é associado a um movimento gracioso que envolve sensualidade e erotismo nas linhas dos poemas. Benedito Nunes finaliza sua apresentação apontando para o jogo de símbolos que aparece em *Sol de Feira* e que esta feira ais do que um simples tabuleiro de mercado é uma maneira de expressar a vida.

#### **1.3.4 Márcio Souza – Vozes da depressão**

Márcio Gonçalves Bentes de Souza (Manaus, 4 de março 1946) é um escritor brasileiro e autor de diversas obras direcionadas a questões sociais, dentre elas encontra-se *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*, de onde retirou-se o capítulo intitulado *Vozes da Depressão*, para observar afirmações do autor a respeito das obras de Luiz Bacellar. Neste capítulo o autor pinta um quadro da visível decadência cultural de Manaus e afirma que, se não fosse o Clube da Madrugada e a poesia de Luiz Bacellar, o quadro talvez ainda fosse esse. Para o crítico, Luiz Bacellar utilizou-se da transparência do subúrbio como lugar de privilégio e da ironia, apossando-se do conformismo em *Fruta de Barro* e da simulação de uma atmosfera Barroca em *Sol de Feira*.

Aqui temos um Luiz Bacellar “que desilude e que provoca”, seus sonetos assumem a imagem de uma música com angustia poética. Neste capítulo mais do que uma poesia inovadora, Marcio Souza afirma que temos uma crítica à província e sua

tendência à pouca evolução. O utilizar dos objetos miúdos nos Dez sonetos de Bolso já não é mais só uma imagem, agora se torna uma nomeação delirante. Como historiador que é, municiado pela leitura de *Frauta de Barro*, Marcio Souza retorna ao passado e compara a Manaus de 1954 (ano em que aparece o Clube da Madrugada) e com a Manaus de 1928 (ano de nascimento de Bacellar). Para Souza, *Frauta de Barro* é uma representação geográfica e histórica dos anos 50.

E se a *Frauta* é ornada pelo lirismo, a ironia, a regra e o rigor, *Sol de Feira* traz a temeridade e o assombro apresentando uma poesia de tradição “poética portuguesa e ibérica” sobre uma preservação da natureza mesclada por uma revelação sobre as maravilhas da natureza Amazônica através do catálogo botânico que o poeta criou.

Márcio Souza fecha seu discurso sobre Bacellar com uma comparação à poesia de Elson Farias. De certa forma o autor quase afirma que Luiz Bacellar é saudosista, mas se detém a declarar que os poemas são semelhantes à geografia do espaço unidos a ironia e ao lirismo provinciano sem tom confessional ou produção fada a monotonia.

### **1.3.5 L. Ruas – Sobre o Quarteto**

Dentro da sexta edição do *Quatuor* (2006), encontramos três ensaios sobre as obras de Luiz Bacellar. O primeiro ensaio é do padre e intelectual amazonense Luiz Ruas (1931 - 2000), mais conhecido por L. Ruas. Neste ensaio realiza-se uma louvação à produção de *Quatuor*.

L. Ruas fala desta obra definindo-a como aquela que fora construída por um gênio das palavras, tal qual os grandes compositores de música clássica, ou os grandes poetas que representaram sua arte com a sabedoria de quem reconhece seu lugar no universo. O padre também diz ser visível a presença de três tendências literárias na poesia dos quatro cantos do *Quarteto*: o romantismo, o classicismo e o simbolismo. Esses três pontos são apresentados pela “primazia da razão, do sentimento e da transcendência” que foram os pontos mais buscados por essas escolas durante o momento que por aqui estiveram.

Com essa afirmação L. Ruas nos leva a crer que agora temos em mão uma lírica complexa, algo que reúne três escolas e que não pode ser só romântica, só clássica ou só simbolista porque ao contrário da escolha por uma tendência o poeta apresenta-nos três fortes momentos literários através de seu indiscutível lirismo. No entanto entre as três escolas predomina o simbolismo, pois segundo L. Ruas o poeta vai à procura do mistério da vida, da fuga de uma realidade imediata fazendo de Luiz Bacellar um simbolista completo, alguém que assumiu sua jornada e a terminou não abandonando sua sedenta busca de um sentido do mistério. Neste ensaio fala-se de poemas repletos de musicalidade e acessível a qualquer artista, pois é de uma linguagem simples que se procura partir para o mais complexo: os sentidos da vida, do ser e do homem.

### **1.3.6 Arthur Engrácio – O lírico em Luiz Bacellar; e Alencar e Silva – Luiz Bacellar: um artífice auxiliar da criação**

Ainda nas páginas do Quatuor encontra-se o ensaio de Arthur Engrácio sobre a e de Alencar e Silva. Este primeiro, Arthur Engrácio, é contista amazonense e carrega em seu currículo de contos a obra Histórias do submundo e outros.

Ele, o contista, define a poesia de Bacellar como aquela que é capaz de emocionar, pois essa emoção é proveniente de uma poesia “acentuada, forte e dominadora”. Neste pequeno ensaio sua proposta é sem dúvida a preocupação em promover o lírico das poesias de Bacellar. O autor passeia de Frauta de Barro para Quatuor utilizando-se da própria poesia de Luiz Bacellar para descrever e comprovar esse lirismo, segundo ele a poesia de Bacellar atrai e comove alcançando-nos a alma nesse labor e como um artesão de palavras tece-nos a “moderna crítica brasileira”.

Alencar e Silva escreveu Lunamarga, Sob Vésper e outros. Sua leitura das obras de Bacellar nos dá uma proposta de interpretação que leva-nos a comparar a produção literária de Luiz Bacellar com o ato da criação do mundo, das coisas do mundo. Inicia seu ensaio apresentando o poeta e em seguida acorda com Arthur Engrácio ao revelar que a poesia de Bacellar é repleta de lirismo. Durante a leitura deste ensaio pode-se perceber a exaltação que o autor faz ao poeta de Frauta de barro

e neste louvor afirma que nas obras bacellarianas encontraremos as três tendências literárias das quais falava L. Ruas.

Alencar e Silva acredita haver nas obras de Luiz Bacellar um Romantismo, um classicismo e um simbolismo e acrescenta a estas três tendências mais uma: o modernismo, visível com maior destaque em *Frauta de Barro* que mostra o poeta ligado a geração de 45 deste movimento literário. Em outro momento o contista concorda com Marcos Frederico Kruger, dizendo haver uma grande relação da poesia de Bacellar com o mar. Durante este ensaio Alencar e Silva trabalha com *Frauta de Barro*, *Sol de Feira* e *Quatuor*. Na primeira obra existe a questão do minimalismo pós-moderno, na segunda afirma que a poesia é uma exaltação ao Sol como luz e fonte de energia e, na terceira, o poeta é visto como pintor e paisagista representando o que vê e como vê. Também nos diz que o poeta e suas poesias são evidência da existência de Deus entre os homens e que estão ali para apresentar o que não é visível ao homem se ele não é poeta, como se Deus enviasse a Bacellar sua mensagem e este último trouxesse para a evidencia humana esta mensagem através da poesia.

Fecha seu ensaio com esta ideia de Deus como compositor e Bacellar como mensageiro, utilizando-se do belo, do harmonioso e do poético para criar seus versos de forma a contribuir nesta literatura estagnada na década de 50 e inovada por este poeta no momento de seu surgimento.

### **1.3.4 Antonio Paulo Graça – Pétalas de Luz e poesia**

Para Antonio Graça, tratando do livro *Satori*, os haicais de Bacellar são uma mistura de luz e poesia. O crítico também afirma que Bacellar é “o maior talento lírico que o Amazonas pode produzir”.

Neste ensaio, o autor diz que Bacellar utiliza-se do verbo limpo e que estas palavras assumem em seus poemas uma série de sentidos, sentidos esses que levam o leitor a perceber uma poesia ornada de imagens que marcam e tomam sua real função poética, o fazer poético de Bacellar num labor incansável para a criação dos haicas, ofício responsável pelo tom lírico dos pequenos poemas capaz de fazer o leitor experimentar esse momento de exaltação à natureza que o rodeia. Em determinado

momento o autor define Bacellar como um poeta “marginal, crítico e escandalizador”, isto por causa de seu poder criativo de dar aos poemas iluminação, ironia e afinação com harmonia e equilíbrio na ponta da pena do escritor. Ele diz que o poeta tem a capacidade de tomar posse do objeto mais simples e fazê-lo ser mais que um objeto, transformá-lo em um instrumento de sua criatividade.

Se L. Ruas afirmou que Luiz Bacellar é um novo Baudelaire, Verlaine ou Rimbaud no ensaio sobre o Quarteto, neste ensaio de Antonio Paulo Graça somos colocados diante de um mestre na arte do haiku que aprendera com Akida Moritake ou até mesmo o próprio Matsuo Bashô <sup>10</sup> a trabalhar de corpo e alma nesta arte, e o poeta utiliza-se de sua natural inclinação para a ironia como fonte inspiradora, com foco na beatitude instantânea na qual fala Octávio Paz em relação a criação de poemas haiku. Ainda Graça nos diz que esse belíssimo trabalho, feito por Bacellar e Roberto Evangelista na primeira edição sob o título de *O crisântemo de cem pétalas* é um momento em que esta união é mais que dispor os poemas lado a lado, é compor com parceria de forma a provocar o gráfico-visual encontrado nestas pétalas.

Outro ensaio de Antonio Graça é intitulado “Antiapresentação de Fruta de barro” e nele sua primeira discussão é a questão do belo para Immanuel Kant tudo isso elegendo a poesia de Bacellar como uma “aspiradora da grandeza”. Segundo ele, a escolha de Bacellar pelo minimalismo adotando os minúsculos objetos para compor sua canção, transporta-os a uma grandeza poética, contrariando aos que sempre vão em busca de grandezas com a intenção de torná-los maiores ainda. E esta modéstia da escolha do menor como faz Bacellar não atinge a capacidade do poeta de provocar o lírico. Voltando a questão da criatividade do poeta, depara-se com uma produção que reescreve por vezes os mitos e histórias tão comuns antes relatadas por outros escritores, mas em Bacellar esses mitos tomam uma nova versão, segundo Graça, no poema *Os 7 Campos do Mito* Bacellar refaz uma história toda, cria uma versão dos

---

<sup>10</sup> Matsuo Bashō (em japonês: 松尾 芭蕉, Matsuo Bashō; Tóquio, 1644 – Osaka, 12 de Outubro de 1694), foi o poeta mais famoso do período Edo no Japão. Durante sua vida, Bashō foi reconhecido por seus trabalhos colaborando com a forma haikai no renga.

fatos reunindo passado e presente pela linha do tempo que seguramente perde seu brio conforme ele avança.

Antonio Paulo Graça finaliza seu ensaio levando o olhar do leitor para a perfeita composição dos poemas de Luiz Bacellar, que trabalha em cima de uma organização e estruturação da obra *Frauta de Barro*, como uma evidencia que dispensa qualquer apêndice por ser o que é: pura poesia.

### **1.3.5 Mirian de carvalho – Sopro e Barro**

Este ensaio pode ser encontrado na obra *Frauta de barro*, sexta edição, e discute sobre imagens e cadências da poesia de Luiz Bacellar. Mirian de carvalho concorda com Alencar e Silva, quando também afirma que existe neste tema ‘frauta e barro’ uma profunda presença da idéia de soprar a frauta e dela surgirem os seres feitos do barro deste sopro passando do simples para apresentar uma originalidade nos versos de Bacellar.

Aqui, temos mais que poemas. Estamos diante de imagem e ritmo que se encontram ligados à questão da musicalidade proposta na obra bacellariana como uma forma de atualizar o mundo que nos rodeia fazendo nascer a poesia de *Frauta* jorrando os temas de argila e sopro provocando um encontro entre o eu e o universo em torno do homem como criatura do barro e este homem carrega consigo memórias imemoriais, agonias e cadências. Mirian de Carvalho diz que a poesia de Bacellar é uma temporalidade que foge do tempo cronológico e vagueia no tempo psicológico de lembrança pueris da Manaus dos outros tempos, isto porque o tempo da poesia é mais instantâneo. Sua proposta é analisar os poemas em conjunto e encontrar neles os temas principais da composição deste poeta, por exemplo, em *Romanceiro Suburbano* apresentam-se os temas da saudade e da memória, pois os poemas do *Romanceiro* parecem representar o distanciamento do poeta das coisas tão comuns de sua infância, nas palavras de Mirian de Carvalho

“Nosso poeta saiu de casa para rever sua cidade. Ao caminhar, tudo é antigo e atual, enquanto ele passeia pelos lugares, pelos nomes e lendas dos recantos onde construiu seu *Romanceiro Suburbano*: um romanceiro de antigos becos, casas e ruas

habitados por gente de hoje e do passado.” (Fruta de Barro, 2005)

Mirian Carvalho reserva caracteres para a criatividade deste poeta quando nos diz que Bacellar diferencia-se de qualquer poeta por sua originalidade poética neste trabalho com a imagem e o ritmo para alcançar o lirismo absoluto do qual nos falam outros críticos aqui trabalhados. Ela afirma que o tom bacellariano revela atualidade em constante renovação através da linguagem e do silenciar poético, algo que se encontra nas páginas desta obra cantada, soprada, mas não só falada.

### **1.3.6 Tenório Telles – poeta e expressão da cultura no Amazonas**

Tenório Telles (Anori, 2 de setembro de 1963), é um professor, poeta, ensaísta, dramaturgo e crítico literário brasileiro. Membro da Academia Amazonense de Letras leciona Literatura Brasileira e é coordenador editorial da editora Valer. Nos últimos anos vem trabalhando de maneira cautelosa a produção de um livro de cunho didático que reúne estudos sobre a literatura desenvolvida no estado do Amazonas desde Tenreiro Aranha até as tendências literárias contemporâneas. O livro intitula-se Estudos literários no Amazonas e ainda não foi publicado. Trabalha-se, nesse relatório, com os originais cedidos pelo autor.

Um dos capítulos do livro preocupa-se em discorrer sobre o poeta Luiz Bacellar e no início de seu ensaio Tenório Telles trata Fruta de Barro como um livro de inovações estéticas, rigor formal e profunda densidade temática que transformou a poesia feita no Amazonas, em seguida dá a Sol de Feira o título de catálogo botânico e um pomar surpreendente. Segundo o que sabemos, com ambos os livros Luiz Bacellar ganhou prêmios literários e Tenório Telles afirma que isso se deu porque ambos exploram os detalhes do espaço geográfico que se encontra.

Fruta de barro dá o tom de início, de começo de alguma coisa tendo o barro como matéria prima para a escrita, enquanto isso, Sol de Feira floresce e nascem os frutos de uma cultura que está ganhando espaço nesse cenário da cultura literária. O discurso de Tenório afirma que Bacellar está à frente dos outros quando se trata de enxergar a evolução. Enquanto fala-se de progresso, Bacellar delinea críticas de uma

província que hostiliza e reprime. E embora a pessoa Bacellar esteja longe de querer ostentações políticas, o poeta sugere através de sua poesia uma evolução contínua marcada pela presença de memórias do passado.

Para Tenório Telles, se o Clube da Madrugada foi um marco cultural da época, Luiz Bacellar representou a confirmação dessa busca pelo novo, pelo sair da lamacenta decadência provinciana para constituir-se com crítico dessa política decadente e carente de informações inovadoras. Seus poemas saem da simplicidade para adquirir sentido completo, para causar efeito, isto porque a poesia de Bacellar completa-se devido à grande capacidade perceptiva do autor em sentir como trabalhar sua poesia e o que trabalhar nela. O poeta, enquanto participante do Clube da Madrugada, percebeu que a produção cultural e literária do Amazonas afogava-se na falta de informações e valorização da realidade da época, isso permitiu desenvolver o senso crítico de Bacellar. A partir de seu modo de ver, outros poetas despertaram para recuperar essa província e trazer novas propostas literárias para o Amazonas. O professor Tenório ainda afirma que existe um compromisso da poesia de Bacellar em produzir temas voltados a realidade do homem utilizando-se de pequenos objetos tirados de suas memórias do passado para com está 'matéria' construir seus poemas. Em seguida, Tenório Telles realiza uma série de apresentações dos poemas da Fruta de Barro e seus possíveis significados, apoiando-se em Márcio Souza para definir o que representa este poeta para a literatura em geral.

Ao termino deste capítulo, realiza uma apresentação do poema "Noturno no bairro dos Tocos" para mostrar que este poema revela uma sensibilidade humana na poesia do Amazonas. Sua última afirmação é que essa tendência de Bacellar em afastar-se e tornar-se um marginal que observa tudo ao seu redor é para continuar atentamente a denunciar um presente de sobreviventes e cultuar um passado que foi destruído conforme o tempo foi passando.

### **1.3.7 Marcos Frederico Krüger – A sensibilidade dos Punhais (terceira parte)**

Marcos Frederico Krüger é doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC do Rio de Janeiro. Possui publicado, dentre outros, o livro *Amazônia: Mito e Literatura*. Lançou, em 2006, seu mais recente livro "Poesia e poetas do Amazonas" em parceria com o professor Tenório Telles. Recebeu em 2006 o Prêmio da Prefeitura Municipal de Manaus - categoria ensaio - com o livro "A sensibilidade dos Punhais", que estuda a presença do mar na poesia do Amazonas. Atualmente é Professor do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas. É exatamente sua última obra que nos interessa, pois nela encontramos um ensaio sobre a presença do mar na poesia bacellariana, resultado de sua dissertação de mestrado.

O livro *A sensibilidade dos punhais* está dividido em três partes, cada parte trabalha com um autor amazonense que recebeu prêmios literários. Luiz Bacellar é o último e ele subdivide este estudo em seis capítulos diferentes. Logo no início de seu ensaio, o professor Marcos trabalha uma apresentação geral do livro *Frauta de Barro* com estudos aprofundados dessa literatura. Neste ensaio Marcos Frederico convida-nos a embarcar em uma viagem sobre o mar da literatura para entender essa ligação existente no poema. É no segundo capítulo que conhecemos a estrutura de *Frauta de Barro*, a forma de composição e de ordenação dos poemas de Bacellar e onde há provocações do poeta em despertar sentidos. O capítulo infância prende-se a "Variações sobre um prólogo", primeira poesia encontrada na *Frauta*. O professor coloca este poema como uma autobiografia de Bacellar, não o homem, mas o poeta Bacellar que parece crescer conforme a leitura vai se concluindo. O trabalho de Marcos Frederico nesse momento é preocupar-se inteiramente com a análise desta poesia.

É a partir do quarto capítulo que nos encontramos com a proposta real deste autor: o mar e a poesia bacellariana. O capítulo intitula-se *Aprendiz de marinheiro* e está dividido em: Projeto de viagem, Malotagem, Porto de partida, Rumo ao oceano. Perceba que em todos os temas a ligação com o mar está presente. A leitura deste ensaio nos propõe tomar o livro nas mãos e sentir quais os procedimentos antes de partir para o mar, para o tom poético escolhido por Bacellar na produção de seus poemas e, dessa forma, desvendar quais mistérios estão dispostos nestas poesias. É no quinto capítulo que o professor Marcos Frederico trabalha uma questão comum a

todos esses críticos, a afirmação da poesia de Bacellar como uma poesia ritmada pela musicalidade, pela harmonia com a qual foi construída. É uma análise desta característica atribuída à poesia de Luiz Bacellar não só por Marcos Frederico Kruger, como também por outros críticos que aqui já abordamos.

Ele, Marcos Frederico, fecha seu ensaio com o “Diário de Navegação” afirmando que esta viagem fracassou, mas que não atinge a qualidade poética com a qual Luiz Bacellar escreveu seus poemas, pois elas apresentam ainda o lirismo absoluto, a musicalidade, o passado presente nas ruínas do agora, e a imagética. Na poesia de Bacellar reúnem-se as qualidades do verdadeiro labor poético, semelhante a Arthur Engrácio, Marcos Frederico diz existir um trabalho artesanal na produção de Fruta de Barro. Arthur Engrácio afirmou que Bacellar utiliza-se das palavras como um ourives trabalha o ouro, e Marcos Frederico Kruger também tem essa visão da atividade poética bacellariana.

## 12. RESULTADOS FINAIS

Após ter lido todos esses ensaios foi possível averiguar que há uma concordância entre eles: a poesia de Luiz Bacellar é ritmada e cheia de imagens. Ou seja, existe nela uma maneira de ver as coisas. Outras cores e outras formas são delineadas através da poesia dele e junto ao imaginativo, pautando sobre este cenário proposto por Luiz Bacellar entendemos sua rítmica, dessa forma, a musicalidade que perpassa toda essa poesia não nos confunde. Se a proposta inicial desta pesquisa era comprovar que existe uma Fortuna Crítica para a poesia criada por Luiz Bacellar, é possível ver que há uma comprovação de que ela existe. Temos aqui 12 intelectuais do Amazonas, 12 interpretações que se direcionam para a compreensão da obra de Luiz Bacellar.

A reunião destes ensaios proporciona uma leitura mais crítica daquilo que o poeta Luiz Bacellar produziu no Amazonas. Astrid Cabral diz que se o Amazonas não estivesse tão distante de outros centros culturais no Brasil, certamente todos conheceriam e leriam sobre Luiz Bacellar por sua intelectualidade e pela qualidade de sua poesia. Sabe-se que foram escritas pelo poeta quatro obras diferentes e essas mesmas obras foram reeditadas com outros nomes. E embora escritas pelo mesmo autor, cada obra traz uma maneira de escrever poesia, quer seja pelo soneto, quer seja pelos haicais, tradição milenar japonesa que é revivida no Satori de Bacellar. Como afirmaram os críticos deste poeta, Luiz Bacellar inova a estrutura e a temática dos poemas e ainda traz muito da cultura de outros lugares para ser conhecida aqui. Como disse Rogel Samuel nem todo poeta sabe versejar em haiku, é necessário uma técnica que ao mesmo tempo em que traz essa forma de criar poemas, traz a tradição japonesa de encontro à nossa e derrubas as fronteiras entre essas duas nações, a brasileira e a japonesa, para se encontrarem pela poesia de haicais.

O livro de Luiz Bacellar com maior destaque entre a crítica é *Fruta de Barro*, pois foi a primeira obra do poeta e antes mesmo de sua publicação recebeu os aplausos de nomes consagrados de nossa literatura brasileira. Não obstante, aqui no Amazonas o livro também se tornou um exemplo para aqueles que desejavam ou desejam escrever poesias. *Fruta de Barro* reúne uma coletânea de informações sobre

o passado de uma província submersa no comodismo e na falta de desenvolvimento intelectual daqueles que a representavam na época do apogeu do Clube da Madrugada. E segundo Tenório Telles, em seu ensaio *Clube da Madrugada – tradição e ruptura*, “o desejo de atualização cultural e renovação das artes se constituiu num dos objetivos fundamentais do Clube da Madrugada”.

Alcançados esses objetivos ficou a herança de uma produção cultural completamente renovada, um desenvolvimento e tanto para quem tinha um atraso de pelo menos 20 anos diante da data de início do movimento Modernista Brasileiro. Os poetas do Clube ficaram ali pelo final da geração de 45 do Modernismo e entraram a literatura Contemporânea sem qualquer dificuldade, porque esse querer inovar elevou, sem sombra de dúvidas, a qualidade literária no Amazonas. Essa pesquisa trabalhou a obra do poeta Luiz Bacellar, fundador do Clube e responsável pelo nome do mesmo, mas há uma quantidade de poetas que, como ele, também se preocupava com esse retardo do Amazonas em relação a cultura e produção literária. O Clube da Madrugada foi o êxodo da poesia, da prosa e da música no Amazonas, teve um aspecto libertário e promoveu a imagem de poetas, contistas e diversos outros intelectuais amazonenses.

Em seguida, Sol de Feira com seus rondéis de sextilhas apresentou um pomar de frutos amazônicos de sabor peculiar. Quem lê as páginas desta obra sente que o poeta produziu algo que dá sabor por meio da palavra. O Dr. Ernesto Renan Freitas Pinto nos diz que a provocação de Bacellar alcança os extremos, pois enquanto sentimos o gosto dos frutos amazônicos, também sentimos que há uma relação entre o fruto e os seres humanos, sentimento provocado pela transformação do fruto em seres animados, para acusar uma sensualidade jamais vista em um maracujá, ou uma pupunha, mas que em Bacellar foi possível pela audácia do poeta em ironizar coisas e seres. Outra surpresa nos alcança em Luiz Bacellar quando somos levados ao lirismo absoluto de Quatuor. As quatro cartas escritas no livro – Carta Sazonal, Carta Pastoral, Carta Lunar e Carta Náutica – recorre à maneira mais habilidosa de produzir música. Não é sem razão que o escritor L. Ruas acusa Bacellar de ser mais que um poeta comum, ser também compositor que inspirado em Debussy, inspira nesta obra outros que desejam trilhar o mesmo caminho com qualidade jamais vista. Nesta obra seus

críticos o apontam como um novo simbolista, que tem a capacidade de causar emoções aos leitores comprovando que seu lirismo é marca presente de sua maneira de escrever. Maneira esta que comprova sua autenticidade quando lemos o Satori e nos deparamos com a mais simples forma de enxergar o mundo a sua volta. Satori convida o leitor a desprender-se de toda perturbação para entender o que está sendo posto em evidência: a liberdade.

### **13. DIFICULDADES ENCONTRADAS DURANTE A PESQUISA**

Propor um balanço crítico para a obra de alguém requer minuciosa atenção, principalmente porque o trabalho solicita a análise dos textos produzidos por terceiros a respeito de uma obra ou uma antologia de determinado autor.

Enquanto a pesquisa seguia para seu final, senti que havia uma necessidade de informar dados cadastrais dos ensaios, mas qual não foi minha surpresa ao descobrir que encontrar esses dados não era possível, em especial porque com exceção a Tenório Telles que disponibilizou os escritos inéditos de sua obra, Márcio Souza no capítulo Vozes da depressão de sua obra A Expressão Amazonense e o ensaio de Marcos Frederico em seu livro A sensibilidade dos Punhais, a maioria dos ensaios estão publicados dentro dos livros de Luiz Bacellar. E esta inserção da crítica no próprio livro de Bacellar não disponibiliza as datas em que estes ensaios foram publicados, causando uma pequena falha neste trabalho, pois a priori o objetivo era comparar a maneira com a qual os críticos lidam com estas poesias à medida que o tempo vai passando, tal objetivo construiria uma visão ainda mais crítica para a poesia de Luiz Bacellar, pois estaríamos diante de opiniões que não surgiram em um único momento, mas que foram tomando forma ao longo do tempo. Não sendo possível seguir esta linha de pensamento, optou-se por realizar a aproximação entre os textos que formam esta Fortuna Crítica.

Aqui, após um ano de estudos e reuniões, selecionando textos e organizando ensaios, criou-se uma linha de interpretações que resultam, mais do que na produção de uma possível fortuna crítica, na estruturação de Fortuna Crítica real, feita a partir do que a poesia bacellariana representa no contexto cultural do Amazonas. Na primeira e

segunda partes do relatório, viu-se quem são os que se preocuparam em interpretar esta produção literária e quais perspectivas daí resultam. Na terceira parte, apresentam-se os ensaios e os ensaístas que cultivaram a poesia bacellariana, e com base no cruzamento das informações propostas nos textos, chegou-se à conclusão de que Luiz Bacellar obteve êxito ao produzir uma poesia enriquecida por aquelas informações acima descritas: a musicalidade, a imagética e principalmente a capacidade do poeta em ironizar a província.

Enfim, com esta pesquisa surgirá a construção de um banco de dados que armazenará informações sobre o autor, bem como a apresentação dos textos que foram reunidos e outras informações que mais tarde possam vir a enriquecê-lo. Em outras palavras, a apresentação de uma Fortuna Crítica para Luiz Bacellar foi realizada através desta pesquisa que continuará em desenvolvimento até que finalmente este último momento seja realizado. Ademais estamos diante da comprovação de que entre os anos de 1952 (ano em que surgiu o Clube da Madrugada e o poeta) até o presente ano Luiz Bacellar tem uma quantidade considerável de críticos que, ao lerem suas poesias, preocuparam-se em promovê-lo como o melhor poeta amazonense de sua época, afirmação comprovada pela leitura realizada nestes ensaios.

#### 14. FONTES:

**BACELLAR**, Luiz. *Fruta de barro/Quatro movimentos*. 4ed. Brasília. 1992.

.....**EVANGELISTA**. Roberto. *O crisântemo de cem pétalas*. Prefeitura Municipal de Manaus, 1985.

**BACELLAR** *Sol de feira*. 7ed. Valer. Manaus. 2008.

**BACELLAR**, Luiz. *Satori*. 2ed. Travessia. Manaus, 2002.

**BACELLAR**, Luiz. *Quatour*. 6ed. Valer. Manaus, 2006.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRAFIA

**BOSI**, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cutrix.

.....*Cultura como tradição in Tradição/Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor/Fenarte. 1987

.....*Céu, Inferno – ensaios de crítica literária e ideológica*. Séries Temas. Vol. 4. São Paulo: Ática, 1988

**CÂNDIDO**, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

**FRIEDRICH**, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

**KAYSER**, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. Porto: Almedina, 1988.

**KRÜGER**, Marcos Frederico. *A sensibilidade dos punhais*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2007.

**LAKATOS**, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1995.

.....**MARCONI**, Marina de Andrade. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Arlas, 2002.

**MAINGUENEAU**, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Apenzeller. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

..... *Discurso Literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

**MONTEIRO**, Mário Ypiranga. *Fatos da literatura amazonense*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 1976.

**SEVERINO**, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

**SOUZA**, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

**TUFIC**, Jorge. *Existe uma literatura amazonense: ensaios*. Manaus: UBE/Am, 1982.

## 15. DOCUMENTOS E DADOS DA REDE INTERNET

**CABRAL**, Astrid. Poeta da Vez: Luiz Bacellar. [http://www.panoramadaspalavras.com.br/poeta\\_da\\_vez61](http://www.panoramadaspalavras.com.br/poeta_da_vez61). - Amazonas - Poesia - Luiz Bacellar/ acesso em 21.06.10

**NOGUEIRA**, Arnaldo. *Projeto releituras: Manuel Bandeira*. [http://www.releituras.com/mbandeira\\_bio.asp/](http://www.releituras.com/mbandeira_bio.asp/) Acesso em 17.06.10

**WIKIPEDIA**. José Paulo Moreira da Fonseca. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Paulo\\_Moreira\\_da\\_Fonseca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Paulo_Moreira_da_Fonseca). Acesso em 17.06.10